



A Santa Sé

JOÃO PAULO II

AUDIÊNCIA

Quarta-feira 10 de Setembro de 1997

Modelo da Igreja no culto divino

Caríssimos Irmãos e Irmãs:

1. Na Exortação Apostólica *Marialis cultus* o Servo de Deus Paulo VI, de venerada memória, apresenta a Virgem como modelo da Igreja no exercício do culto. Essa afirmação constitui como que um corolário da verdade, que indica em Maria o paradigma do Povo de Deus na via da santidade: «A exemplaridade da bem-aventurada Virgem Maria, neste campo, é consequência do facto de Ela ser reconhecida como modelo excelentíssimo da Igreja, na ordem da fé, da caridade e da perfeita união com Cristo, isto é, daquelas disposições interiores com que a mesma Igreja, Esposa amadíssima, intimamente associada ao seu Senhor, O invoca e, por meio d'Ele presta o culto ao eterno Pai» (n. 16).2. Aquela que na Anunciação manifestou total disponibilidade ao projecto divino, representa para todos os crentes um modelo sublime de escuta e de docilidade à Palavra de Deus. Ao responder ao anjo: «Faça-se em mim segundo a tua palavra» (Lc 1, 38), e ao declarar-se pronta a cumprir de modo perfeito a vontade do Senhor, Maria entra a justo título na bem-aventurança proclamada por Jesus: «Felizes os que escutam a Palavra de Deus e a põem em prática» (Lc 11, 28). Com essa atitude, que abraça a sua existência inteira, a Virgem indica a via-mestra da escuta da Palavra do Senhor, momento essencial do culto, que se tornou típico da liturgia cristã. O seu exemplo faz compreender que o culto não consiste, antes de tudo, em exprimir os pensamentos e os sentimentos do homem, mas em pôr-se à escuta da Palavra divina para a conhecer, assimilar e tornar operativa na vida quotidiana.3. Toda a celebração litúrgica é memorial do mistério de Cristo na Sua acção salvífica para a inteira humanidade, e quer promover a participação pessoal dos fiéis no Mistério pascal, expresso de novo e actualizado nos gestos e nas palavras do rito. Maria foi testemunha dos eventos da salvação no seu desenvolvimento histórico, culminado na morte e ressurreição do Redentor, e conservou «todas estas coisas, ponderando-as no seu coração» (Lc 2, 19). Ela não se limitava a estar presente em cada um dos eventos, mas procurava captar o seu significado profundo, aderindo com toda a alma a quanto neles se cumpria de modo misterioso. Maria mostra-se, portanto, como supremo modelo de participação pessoal nos mistérios divinos. Ela guia a Igreja na meditação do mistério celebrado e na participação no evento de salvação, promovendo nos fiéis o desejo de

um íntimo envolvimento pessoal com Cristo, para cooperar na salvação universal com o dom da própria vida.⁴ Maria constitui, além disso, o modelo da oração da Igreja. Com toda a probabilidade Maria estava recolhida em oração, quando o anjo Gabriel entrou na casa de Nazaré e a saudou. Esse contexto de oração certamente sustentou a virgem na sua resposta ao anjo e na generosa adesão ao mistério da Encarnação. Na cena da Anunciação, os artistas quase sempre representaram Maria em atitude orante. Recordamos entre todos o Beato Angélico. Daí provém para a Igreja e para cada crente a indicação do clima que deve presidir ao desenvolvimento do culto. Podemos depois acrescentar que Maria representa para o Povo de Deus o paradigma de toda a expressão da sua vida de oração. Em particular, Ela ensina aos cristãos como se dirigir a Deus, para d'Ele invocar a ajuda e o apoio nas várias situações da vida. A sua intercessão materna nas bodas de Caná e a sua presença no Cenáculo ao lado dos Apóstolos em oração, à espera do Pentecostes, sugerem que a oração de súplica é uma forma essencial de cooperação no desenvolvimento da obra salvífica no mundo. Seguindo o seu modelo, a Igreja aprende a ser audaz ao pedir, a perseverar nas suas intercessões e, sobretudo, a implorar o dom do Espírito Santo (cf. *Lc 11, 13*).⁵ A Virgem constitui, além disso, para a Igreja o modelo na participação generosa no sacrifício. Na apresentação de Jesus no templo e, sobretudo, aos pés da cruz, Maria faz o dom de si que a associa, como Mãe, ao sofrimento e às provas do Filho. Assim, tanto na vida quotidiana como na Celebração eucarística a «Virgem oferente» (*Marialis cultus*, 20) encoraja os cristãos a «oferecerem sacrifícios espirituais que serão agradáveis a Deus, por Jesus Cristo» (1 *Pd 2*,

5).

Saudações *Caríssimos Irmãos e Irmãs!* Saúdo os peregrinos de *língua portuguesa*, nomeadamente um grupo de visitantes do Brasil. Grato pela vossa presença, desejo-vos todo o bem, paz e prosperidade para as vossas famílias. Ao pedir-vos que rezeis pela minha próxima Viagem Pastoral ao Brasil, para o Encontro com as Famílias, imploro para todos, por Nossa Senhora, a protecção do Altíssimo com a minha Bênção. Acolho com prazer os peregrinos de *língua francesa*, sobretudo o grupo proveniente dos Camarões. A cada um de vós desejo uma boa descoberta de Roma e, de bom grado, concedo-vos a minha Bênção Apostólica! Tenho o prazer de saudar os participantes no Colóquio promovido pelo Conselho Internacional de Cristãos e Judeus: oxalá os vossos debates e reflexões levem a um maior entendimento, respeito e cooperação entre os seguidores das crenças judaica e cristã. Sobre todos os peregrinos de *língua inglesa*, especialmente aos da Inglaterra, da África do Sul, da Austrália, do Japão, do Canadá e dos Estados Unidos, invoco a alegria e a paz de nosso Senhor Jesus Cristo. Saúdo com afecto os peregrinos de *língua espanhola*, em especial as Irmãs Mercedárias da Caridade, reunidas em Assembleia Geral, assim como os diversos grupos que vieram da Espanha, do México, do Uruguai, da Argentina e da Colômbia. Saúdo também a tripulação do Navio-Escola «Glória» da Marinha militar colombiana. Que o exemplo da Virgem Maria vos ajude a participar mais intensamente no culto que a Igreja oferece a Deus. A todos vós concedo com afecto a Bênção Apostólica. Muito obrigado! Queria agora saudar os peregrinos *belgas e holandeses*. A vossa visita aos túmulos dos Apóstolos seja uma boa ocasião para uma renovação interior, a fim de que cresça a concórdia nas famílias e nas vossas comunidades eclesiais, para o bem de cada um de vós e para a promoção da justiça e da paz, no espírito do Evangelho de Jesus Cristo. De coração concedo a Bênção Apostólica. Dirijo-me agora aos membros da Consulta Nacional Italiana das Fundações Antiusura, aqui presentes juntamente com alguns Bispos e Responsáveis das Administrações Públicas. Sei como é preocupante o fenómeno da usura, que infelizmente está difundido em muitas cidades e apresenta consequências dramáticas para as famílias nele envolvidas. Sei também com que tenacidade, embora no meio de não poucas dificuldades, procurais unir os esforços a fim de reter um sistema tão injusto, que interpela fortemente as comunidades civis e eclesiais. Encorajo e abençoo a obra altamente meritória que a vossa Consulta Nacional está a realizar, para deter esta impiedosa exploração da necessidade de outrem e, assim, dar esperança a quem se encontra envisgado na rede de desabusados

usurários. Caríssimos Irmãos e Irmãs, continuei a lutar contra este tremendo flagelo social, sustentados pela consciência de que convosco trabalha o Senhor, o qual «liberta o pobre que invoca e o miserável que não encontra ajuda» (SI 71/72, 12). Desejo, enfim, saudar os Jovens, os Doentes e os jovens Casais e convido cada um a dirigir o olhar para a Cruz de Cristo, que no próximo domingo contemplaremos na festa da sua Exaltação. Caros jovens, o vosso empenho em seguir Jesus não se detenha diante dos inevitáveis sofrimentos que o mistério da Cruz evoca. Vós, queridos doentes, jamais cesseis de contemplar o Cristo crucificado, que salva o mundo oferecendo a Sua vida por nós; e vós, prezados jovens esposos, testemunhai com o dom total de vós mesmos o sentido profundo da Cruz de Cristo.